

A *Quercus faginea* Lam. na flora e na vegetação natural portuguesas ⁽¹⁾

por

Prof. J. DE CARVALHO E VASCONCELLOS

da Cadeira de Botânica

e

J. DO AMARAL FRANCO

Professor Agregado e primeiro assistente do Instituto Superior de Agronomia

LAMARCK (1785) descreveu no mesmo trabalho a *Quercus faginea* e a *Quercus lusitanica*, que considerou, portanto, espécies independentes.

WEBB (1838), utilizando a designação lamarckiana de *Quercus lusitanica*, reuniu sob este nome vários carvalhos que observou em Espanha e Portugal, incluindo a *Quercus faginea*, e o critério de WEBB foi seguido posteriormente por A. de CANDOLLE (1864), PEREIRA COUTINHO (1888) e outros.

SAMPAIO (1910) utilizou a designação de *Quercus faginea* Lam. para todas as formas arbóreas dos carvalhos de folha marcescente existentes em Portugal e concluiu que a denominação *Quercus lusitanica* Lam. era sinónimo da *Quercus fruticosa* Brot., que corresponde ao nome vernáculo *Carvalhiça*.

SCHWARZ (1936) considera separadas as duas espécies de Lamarck, *Quercus faginea* e *Quercus lusitanica*, incluindo na última a *Quercus valentina* Cav. e a *Quercus cerrioides* Wk. et Costa, como subespécies.

VILLAR (1947) adota a opinião de SAMPAIO.

Finalmente, e para não nos alargarmos em citações, VICIOSO (1950) admite a *Quercus lusitanica* Lam. quase segundo o critério de WEBB e nela inclui como subespécies a *Quercus valentina* Cav. e a *Quercus faginea* Lam., mas considerando independente a *Quercus cerrioides* Wk. et Costa.

(¹) Comunicação ao XX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Lisboa, em Outubro de 1950.

Conhecedores desta disparidade de critérios, os autores, que observaram grande número de exemplares quer vivos quer de herbário, no presente trabalho restringem o seu estudo apenas à *Quercus faginea* Lam., fundamentando-o não só na descrição lamarckiana, como no exame do exemplar tipo de que LAMARCK se serviu para a mesma descrição. Com esse fim, um dos autores (FRANCO) examinou com todo o cuidado esse exemplar, tendo verificado que ele era perfeitamente conspecífico dos exemplares classificados como *Quercus faginea* Lam. do nosso herbário do Instituto Superior de Agronomia (LISI). Todos os outros exemplares, no mesmo arquivado, que classificámos segundo o critério de SCHWARZ como *Quercus lusitanica* Lam., apresentam evidentemente características que consideramos bem diferenciais e não cabe aqui no âmbito desta comunicação discutir essas características nem o valor do binome *Quercus lusitanica* Lam., a que corresponde um exemplar-tipo deficiente, pois que se trata de dois pequenos raminhos estéreis, que alguns botânicos identificam, com ou sem razão, como a *Quercus fruticosa* Brot., nome, diga-se de passagem, atribuído por vezes não só à própria *carvalhiça*, como a rebentos e polas de outras espécies.

A *Quercus faginea* Lam., tal como a consideramos, é, quando desenvolvida naturalmente, uma árvore de folhas mediocrementemente pecioladas, marcescentes, penatilobado-sinuadas, glaucas e com indumento denso na página inferior de pêlos estrelados com os raios relativamente compridos, mas não tanto como os dos pêlos da *Quercus pyrenaica* Willd., frequentemente com nove a doze nervuras secundárias lobais e geralmente sem nervuras sinuais, que, no entanto, aparecem em maior número de casos nas folhas das formações estivais; glandes com pedúnculo geralmente curto.

Deve notar-se que esta espécie apresenta, além dos aspectos acima mencionados, grande polimorfismo quanto a dimensões, forma e recorte do limbo e quanto ao comprimento do pecíolo que por vezes é muito reduzido, sobretudo nas folhas dos lançamentos estéreis erectos.

No mesmo indivíduo observam-se variações notáveis quanto a estas características, o que torna difícil e aliatória a consideração de formas botânicas nesta espécie, como de resto se pode afirmar para quase todos os carvalhos.

A *Quercus faginea* Lam., a que se tornou corrente chamar carvalho português, devido à confusão estabelecida por WEBB, tem a sua área de distribuição sobretudo no centro litoral do País entre o Mondego e o Sado, mas aparece também aqui e ali, fora desta região, quando o

microclima e o solo lhe são favoráveis. Em contraste, a *Quercus lusitana* Lam. sensu SCHWARZ aparece sobretudo na Região Duriense nos limites das associações clímax do carvalho negral e da azinheira.

É natural que, entre as associações clímax que outrora revestiram o País, uma tivesse como dominante principal a *Quercus faginea* Lam. Alguns vestígios desta associação ainda hoje se encontram, embora mais ou menos degradados, e permitem que se realize o seu estudo.

Por alguns inventários florísticos que reunimos e foram realizados em pequenas parcelas revestidas naturalmente pela *Quercus faginea* Lam., determinámos as espécies com maiores graus de presença como subsídio para o estudo desta associação. O grau de presença foi determinado como indica VASCONCELLOS (1949:279).

Os resultados obtidos dão-nos o elenco das espécies mais importantes a ter em conta:

Quercus faginea Lam. e *Daphne Gnidium* L. com o grau de presença 5; *Cistus salvifolius* L. com o grau de presença 4; *Quercus coccifera* L., *Crataegus monogyna* Jacq., *Anthyllis Vulneraria* L. sensu P. Cout. e *Urginea maritima* (L.) Baker com o grau de presença 3; *Quercus Suber* L., *Rhamnus Alaternus* L., *Olea europaea* L. var. *silvestris* Brot., *Quercus fruticosa* Brot., *Osyris alba* L., *Genista Tournesfortii* Spach, *Genista triacanthos* Brot., *Cistus crispus* L., *Myrtus communis* L., *Erica scoparia* L., *Smilax aspera* L. var. *nigra* (Willd.) P. Cout., *Rubia peregrina* L., *Euphorbia Characias* L., *Anagallis linifolia* L., *Thymus Zygis* L., *Satureja Clinopodium* L., *Centaurea sempervirens* L., *Dactylis hispanica* Roth, *Carex glauca* Murray, *Salvia sclareoides* Brot., *Aristolochia longa* L., *Lathyrus Aphaca* L., *Trifolium stellatum* L. e *Vicia sativa* L., todas na classe de presença 2.

Estes resultados foram obtidos por confronto de dados de 22 inventários estabelecidos por: ARNAUT MOREIRA em Cinco Vilas, Ancião; COELHO TEIXEIRA em Montemor-o-Velho e Cantanhede; MARTINS FALCÃO em Condeixa; AZANCOT DE MENESES em Loures e Caneças; D. PEREIRA COUTINHO em Aviz; VASCONCELLOS e FRANCO em Sintra e Caneças; CARVALHO e FLORES em Alcaíça; MENDONÇA, VASCONCELLOS, CARVALHO e FLORES em Torre do Bispo.

Muitas das plantas acima referidas fazem parte da associação da azinheira [*Quercus Ilex* L. ssp. *rotundifolia* (Lam.)]. Deve-se notar também que é frequente a destruição do clímax da *Quercus faginea* Lam. originar a formação duma associação secundária de *Cocciferetum*, como sucede com o *Quercetum Ilicis* em dados facies.

SUMÁRIO

A *Quercus faginea* Lam., considerada espécie independente da *Quercus lusitanica* Lam. *sensu* SCHWARZ, apresenta uma área geográfica diferente da segunda e constitui a dominante duma associação típica, para o conhecimento da qual se reúnem dados.

BIBLIOGRAFIA

CANDOLLE, A. de

1864 *Cupuliferae*. In DC. Prodr. XVI(2):1-123.

LAMARCK, Ch. de

1785 *Encyclopédie Méthodique de Botanique*, vol. II. Panckoucke. Paris.

PEREIRA COUTINHO, A. X.

1888 Os *Quercus* de Portugal. *Bol. Soc. Broter*, VI:47-116.

SAMPAIO, G.

1910 Nota a proposito dos *Quercus lusitanica*, Lamk., *Q. humilis*, Lamk. e *Q. faginea*, Lamk. *An. Acad. Polyt. Porto* V:161-165.

SCHWARZ, O.

1936 Sobre los *Quercus* catalanes del subgénero *Lepidobalanus* Oerst. *Cavanillesia* VIII:63-100.

VASCONCELLOS, J. de C. e

1949 *Botânica Agrícola*. II parte. Livraria Sá da Costa. Lisboa.

VICIOSO, C.

1950 *Revision del género «Quercus» en España*. Madrid.

VILLAR, E. H. del

1947 *Types de sol de l'Afrique du Nord*. Fasc. I. Rabat.

WEBB, Ph. B.

1838 *Iter Hispaniense*. Paris & London.